

C.S. LEWIS & J.J. BENITEZ

UMA SUSPEITA DECISIVA SOBRE UMA VIAGEM ATÉ A CRUCIFICAÇÃO

Certa ocasião, num seminário onde se discutia “CS Lewis e a Obra de Ficção”, um jovem da platéia levantou-se e trouxe a seguinte questão: “Atenção professores: os Srs. podem me explicar por que temos que tratar CS Lewis diferente de JJ Benitez? Os Srs. já leram Benitez?”... – A resposta que se seguiu à pergunta foi uma saudável sabatina sobre os dois autores, da qual trazemos aqui apenas os trechos mais importantes. Vejam.

<< ...Toda ficção científica possui um dado que o autor (e, quase sempre, o público inteiro) gostaria enormemente que fosse real, justo por ser algo que todos gostariam de ver ou ter a experiência. Em CS Lewis isso não acontece. Lewis relata uma ocorrência que foi e continua sendo uma surpresa para todos e até uma impossibilidade tecnológica, sendo descoberta com inquietante atraso na vida de quem a vivenciou e surpresa também para o próprio “autor”, sem ser desejada pelo público como outras coisas populistas (tudo isso, além da experiência em si se desdobrar em complicações sem fim, em cujos enredos o evento-base é eclipsado pelas demais realidades presentes e subseqüentes). >>

<< ...Trocando tudo isso em miúdos, para fazer sua fantasia, JJ Benitez foi buscar um evento “num passado muito *suspeito*” – suspeito porque todo mundo gostaria ardentemente de visitá-lo –, que é o período da crucificação de Cristo. Qualquer pessoa iria querer voltar no tempo e ver Jesus na cruz e ainda poder provar concretamente se Ele ressuscitou ou não! Este é, afinal, o Evento-mor da História deste Planeta, do qual depende toda a infra-estrutura sócio-cultural, psicológica, filosófica e religiosa da humanidade, e por isso fazer uma viagem até lá comporta, *a priori*, este dado de suspeição. >>

<< ...Com efeito, ainda há outro fator pesado a influenciar a favor da suspeita indicada agora, que é o fato de que todas as forças do universo, tanto as benignas quanto as malignas, não terem o menor interesse em expor o período da crucificação aos olhos da humanidade, dadas as imprevisíveis conseqüências de tal informação aos planos dos dois lados do conflito. Assim, o Bem Supremo não iria expor a crucificação/ressurreição aos olhos humanos porque isto empresta uma prova concreta à fé que precisa *do ‘não-ver’* para constituir-se num ato voluntário e destemido de *confiança* em Deus. Já o Mal Supremo não iria expor a crucificação/ressurreição aos olhos humanos pelo risco de despertar a fé salvadora em todo mundo, periclitando até a “segurança” dos ateus. Para o Mal, a descrença final será sempre a melhor arma, mesmo que seus seguidores vissem como o Bem foi derrotado outrora. >>

<< ...CS Lewis relata um Evento escondido de todos e desejado por raros indivíduos (uma viagem tão arriscada que quase 70 anos depois ainda “não saiu do papel”, e mesmo com as vultosas verbas oficiais, nenhum país se aventurou a fazê-la). Isto tudo sem mostrar nenhuma realidade agradável ao gosto popular e, pelo contrário, expondo-a com tudo o que a faz surpreendente, dura e até aterradora para qualquer um, como de resto o é toda a realidade. >>

Finalmente, << ...A mera compreensão desses dois fatores, o populismo da viagem de Benitez, e o realismo impopular do Relato de Lewis (afora as questões da impossibilidade de uma viagem no tempo LINEAR da Física Newtoniana), já traduz todo o entendimento necessário à perfeita distinção entre uma história real e uma história fictícia. A partir de agora, temos o dever de relacionar às listas de obras ficcionais aquelas que apontarem para eventos “*agradáveis e desejáveis* pelas massas”. E também, com uma “urgência inteligente”, temos o dever de relacionar às listas de não-ficção e de documentários as obras que narrarem eventos “realistas”, cujas pistas não dêem margem a qualquer dúvida de sua plausibilidade lógica – embora a própria realidade à nossa volta seja, muitas vezes, mais fantástica que a ficção. >>

EAT – Escola de Aprofundamento Teológico.

A SEGUIR, EM TÓPICOS SINTÉTICOS, AS DIFERENÇAS ENTRE LEWIS E BENITEZ

AS DIFERENÇAS ENTRE LEWIS E BENITEZ (EM TÓPICOS SINTÉTICOS)

- 1) Lewis contou que o Relato retratava um fato real, que teve que “disfarçar” sob forma de ficção, em cujo bojo nenhum dos protagonistas seriam alegóricos.
- 2) JJ Benitez contou que fez, de modo inteligente e selecionando dados científicos, uma obra para além da alegoria, utilizando dados fictícios.
- 3) Lewis jamais acreditou que a história fosse aceita como real.
- 4) JJ Benitez acreditou, até o 3º Episódio, que o público acreditaria na sua ficção.
- 5) Lewis jamais planejou ficar rico como escritor.
- 6) JJ Benitez ficou rico, e este era seu sonho secreto ao escrever sobre sua famosa “Operação Cavalo de Tróia”.
- 7) Lewis fez uma obra do tipo clássica, sem qualquer caráter populista ou comercial.
- 8) JJ Benitez fez uma obra populista, e depois de 7 episódios virou uma mina de ouro dos comerciantes de livros.
- 9) Lewis escreveu apenas o suficiente para narrar a história, ou apenas o que Deus mandou divulgar como preparação para aqueles que quisessem se aprofundar nela por outras fontes.
- 10) JJ Benitez extrapolou a parte “crível” da história, chegando às suas continuações por encomenda, e nada indica que a série “Cavalo de Tróia” terá um fim.
- 11) Lewis nunca foi pego numa mentira, mesmo daquelas que têm a utilidade de evitar que outros venham a pecar por confiarem nele.
- 12) JJ Benitez contou mentiras, tanto dentro como fora de seus livros, algumas das quais só descobertas por investigação técnica de estudiosos que tiveram coragem e condições financeiras para ir aos locais indicados e comprovar a fraude. [Isto ocorreu na área da Ufologia, quando ele chegou a enganar milhões de leitores afirmando que descobriu provas de um pouso de UFO em território brasileiro].
- 13) O Relato de Lewis se insere na exatidão da lógica dedutiva mais perfeita, e não há qualquer hipótese, filosoficamente falando, que destrua a coerência intrínseca da história.
- 14) A história de Benitez foge ou fere a lógica em muitos aspectos, sobretudo na manutenção inalterada do mundo, após a descoberta verificada.
- 15) O Relato de Lewis não apenas se coaduna intimamente com a sã doutrina bíblica, mas até reforça os dados da Revelação que apontam para a obra salvífica de Jesus.
- 16) A história de Benitez aponta para a obra salvífica do Cristo, mas não se coaduna com a sã doutrina nas minúcias, como a sua moral, que não condena certos pecados como igualmente responsáveis por levar Jesus à cruz.
- 17) O Relato de Lewis não fere nenhuma descoberta da Astronomia, e, pelo contrário, aponta erros e mentiras desta que os relatos temerosos de alguns astronautas deixam transparecer.
- 18) A história de Benitez endossa as mentiras da Astronomia e a ela serve, apontando avanços tecnológicos que só subsistem por estarem a serviço do Governo secreto do mundo.
- 19) O Relato de Lewis fundamenta-se na descoberta científica de Einstein, depois endossada por Hawking, a qual foi magistralmente filmada por Steven Spielberg na sua Trilogia “De volta para o futuro”, que trata da impossibilidade de se realizar, *linearmente*, uma viagem no tempo.
- 20) A história de Benitez prega a viagem LINEAR pelo tempo, sem mudança de espaço, o que é uma impossibilidade lógica da física tridimensional, bem como uma impossibilidade teológica, pois deslocar-se no tempo linear seria o ‘cúmulo *do cinismo*’, porque possibilitaria a que qualquer pecador voltasse no tempo e ficasse impune na prática do pecado, mantendo o coração na mesma maldade que o praticou.